

O Último Inimigo

PARTE II

ALEX BITTEN

2ª Edição



INTRÉPIDA

São Paulo
2020

O Último Inimigo

Parte II

de Alex Bitten

Editor

Eldes Saullo

Revisão

Alexandre Bittencourt e Maura Santos

Projeto Gráfico e Editorial

Casa do Escritor

O Último Inimigo –

Parte II

– 1ª Edição

ISBN: 9781719056137

Bitten, Alex – São Paulo: 2018

1. Ficção 2. Romance Histórico

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Para meu filho, Heitor.

Base Aérea de Hosley Inglaterra

Janeiro de 44

Os pilotos estavam exaustos. As missões de escolta a bombardeiros da oitava força aérea americana utilizavam todas as esquadrilhas e os confrontos com os caças alemães aconteciam em todas as missões. A Luftwaffe tentava a todo custo deter os ataques, mas apesar de todos os esforços, eles aumentavam em proporção e intensidade.

As baixas ocorriam com frequência em ambos os lados.

Desde o incidente da prisão dos pilotos brasileiros, três pilotos ingleses, dois tchecos e um francês haviam perdido a vida nos combates. Em contrapartida, dez aviões alemães haviam sido abatidos.

Os pilotos brasileiros formavam a seção azul, tendo com líder o tenente Navarro e como Squadron Leader o Capitão Styler. Navarro tinha abatido um FW-190 D-9 e Félix um ME-109 G. Nos intervalos entre uma missão e outra, os pilotos costumavam frequentar dois lugares. Ou estavam nos hangares junto aos mecânicos ou na sala dos oficiais jogando pôquer. O Coronel Miller não tinha autorizado sua saída da base, mas os outros pilotos podiam sair nos dias de folga e perambular por Londres, indo a restaurantes, bares ou casas noturnas.

Mas apesar da proibição, eles não reclamavam da situação.

Eles dividiam uma barraca com mais dois pilotos tchecos e dois ingleses, que ficava próxima de onde os aviões estavam estacionados. Um dos pilotos ingleses, George Weine, costumava ler Shakespeare em baixo da asa de seu Spitfire e também costumava conversar com seu avião. Os pilotos achavam aquilo engraçado, mas ele não dava a mínima. Era um jovem loiro, magro, com o rosto coberto de sardas, tinha vinte e quatro anos, estava noivo e com ideia fixa de casar em breve.

Ele costumava conversar com Navarro com frequência e tinham feito uma sólida amizade.

Os pilotos voavam em condições climáticas muito ruins, e somente quando o tempo estava realmente péssimo as missões eram interrompidas. Antes de cada missão os pilotos faziam uma refeição leve, e o cardápio variava entre purês de bata, salame, ovos mexidos, torradas ou sopa de legumes com pedaços de frango.

Nessas ocasiões havia pouca conversa entre eles. Alguns se entreolham sem dizer uma palavra, porque sabiam que aquele poderia ser seu último olhar.

A decolagem movimentava toda a base. Os pilotos corriam para seus aviões, verificavam os instrumentos, o motor, o combustível, as armas. Tudo devia estar em ordem. Um rápido aceno dos mecânicos, desejando boa sorte. Bandeiras eram agitadas próximo à torre de comando, e sinais luminosos ganhavam o céu, autorizando a decolagem. Os Spits decolavam sempre dois a dois. Era necessário que as seções se agrupassem, o que demorava cerca de quinze minutos, em seguida, rumavam em direção à costa francesa. A torre de comando realizava a correção da rota para o encontro dos bombardeiros que estavam retornando de uma missão, e era nesse momento que os caças alemães apareciam. Os pilotos procuravam uma melhor posição, de

preferência com o sol a suas costas, mas nem sempre isso era possível. O combate era rápido e intenso. Frases de alerta, o som dos canhões, gritos de agonia ou euforia eram transmitidos pelos microfones instalados nos capacetes.

Após o confronto, os pilotos iniciavam o retorno à base. As aeronaves que apresentavam problemas pousavam em pistas alternativas estrategicamente construídas na costa inglesa.

Quando um piloto não retornava, a tristeza era compartilhada por todos e uma rodada de bebida era servida em sua homenagem no salão dos oficiais.

Os pilotos estavam todos reunidos para receber as instruções e estavam agitados com as últimas notícias. Alguns pilotos afirmavam que todos os boatos não passavam de um blefe alemão, mas outros acreditavam que as histórias tinham um fundo de verdade. Os alemães estariam construindo bases na costa francesa para o lançamento de artefatos com alto poder de destruição, com capacidade inclusive para atingir Londres.

O Coronel Miller caminhou a passos rápidos e dirigiu-se para frente da sala.

— Muito bem, senhores. Acredito que já sabem do que será tratado nesta reunião. O que vou relatar é altamente confidencial e não pode ultrapassar esta sala sob pena de corte marcial.

Aproximou-se de um quadro coberto por um pano e o puxou, mostrando várias fotografias aéreas de instalações camufladas em florestas. — O que posso afirmar é que nossas piores previsões se concretizaram. Nós as estamos estas instalações de Noballs. Hitler está usando toda a máquina de propaganda nazista dizendo aos quatro ventos que seremos pulverizados pelo que estamos chamando de lançadores de foguetes.

— Senhor, existe a possibilidade de ser um blefe para desviar a atenção de nossa escolta dos bombardeiros? — perguntou Félix.

— Pode ser, mas se for — Disse puxando uma folha que estava por trás do quadro e colocando-a por cima das fotografias. Ela mostrava a Costa da França repleta de marcações vermelhas. — Será o maior blefe desta guerra. A inteligência aliada tem recebido informações da

resistência francesa, e eles estão confirmando a construção das bases de lançamento.

— Quais serão nossas ordens, senhor? — perguntou Navarro.

— Nós vamos dar coberturas às unidades de Hurricanes que irão atacar as áreas de lançamentos.

— Hurricanes? Mas senhor, eles têm velocidade máxima de apenas 350 quilômetros por hora.

O coronel concordava com o capitão Styler, e tinha questionado também o general sobre a decisão, mas a ordem havia sido bem clara.

— Em breve, todas as unidades de ataque de Hurricanes serão substituídas por Typhoons, mas no momento nós vamos usar o que temos.

Ele olhou para os pilotos a sua frente, sabia que escoltar aviões de ataque que desempenhavam aquela velocidade seria uma missão extremamente arriscada, mas essa era a única opção no momento.

— Senhores, ou acabamos com essas bases de lançamento enquanto estão sendo construídas ou corremos o risco de acordar em uma bela manhã e encontrar uma de nossas cidades reduzida a cinzas.

O Coronel ficou em silêncio para que os pilotos pudessem digerir toda aquela história.

— Alguma pergunta?

— E quanto à artilharia? — perguntou Dávalos.

— Todos os locais de lançamento estão fortemente guarnecidos. A artilharia constitui-se de canhões quádruplos de 20 e 37 mm. O Intelligence Officer irá fornecer para vocês maiores detalhes, e todas as informações necessárias sobre a missão serão repassadas para cada unidade. Nossa primeira missão será daqui a quatro horas.

Os Hurricanes, em número de doze, voavam rente ao solo. Seu armamento era composto de oito bombas foguetes. Um pouco acima seguiam a seção azul e a seção amarela, fazendo escolta.

Silêncio total no rádio. Os aviões seguiram por um vale estreito, e no fundo corria um rio caudaloso de águas escuras, com pedras redondas nas margens. Uma bela paisagem para se apreciar, não fosse a concentração necessária para o êxito da missão.

Próximo do objetivo, os hurricanes se separaram em dois grupos de seis aparelhos e procuraram ganhar altura. Essa manobra era necessária para realizar o ataque contra o alvo. As duas seções de Spitfires se separaram, uma para direita e outra para a esquerda, acelerando rapidamente.

O espetáculo iria começar.

As traçadoras surgiam nas cores vermelha e verde do meio da floresta. O complexo instalado ficava na margem direita do rio.

Navarro fez uma rápida observação e conseguiu verificar a plataforma de lançamento. Tratava-se realmente de um complexo de lançamento de uma Noball. Soldados alemães já estavam em seus postos de combate. Um obus explodiu bem próximo à asa direita. Canhões de 20 e 37 mm faziam um cinturão de fogo em torno do complexo.

— Hullo old boys. Line abreast! Go! Attack! (*Atenção rapazes. Enfileirar! Vamos! Atacar!*)

O primeiro grupo de Hurricane, liderados pelo tenente Osment desceu em direção ao inferno de fogo que era despejado em sua direção, enquanto a segunda seção aguardava sua vez. Seu avião não chegou a disparar um único foguete. Três obuses atingiram a cabine e a transformaram em metal retorcido. Desgovernado, o avião caiu no rio e explodiu, incendiando uma parte da margem. O segundo avião teve uma asa arrancada e caiu em parafuso, chocando-se nas árvores, explodindo em seguida. O terceiro avião lançou dois foguetes que atingiram um lançador quádruplo de 20 mm. O piloto sentiu os impactos em seu avião, e o interior da cabine se incendiou. O quarto avião tentou desviar do avião em chamas e chocou-se com o quinto avião. O cerra-fila disparou seus foguetes, mas o piloto apavorado, só conseguiu atingir a floresta. Ao ultrapassar o complexo, a artilharia o atingiu em cheio. Soltando jorros de gasolina incendiada, o avião abriu uma clareira na floresta e explodiu.

Em menos de um minuto, seis colunas de fumaça indicavam o local da queda das aeronaves e o fracasso do ataque.

Os pilotos não acreditaram no que tinham acabado de assistir.

Félix olhou para baixo e ainda se lembrou dos pilotos rindo nervosamente no briefing.

— Meus Deus, que massacre!

Foi quando ouviram o líder da segunda seção de ataque.

– Attention! All with me! Attack! (*Atenção! Todos Comigo! Atacar!*)

Navarro, ao ouvir essas palavras pelo rádio respondeu de imediato.

– Hullo Leader Old Boy! It's crazy! Do not attack! (*Atenção Líder! É loucura! Não ataque!*)

Mas já era tarde demais. Os aviões desceram em formação de ataque.

O inevitável aconteceu.

O primeiro avião a ser atingido foi o pilotado pelo tenente Bader.

– I was hit! I am blind! (*Eu fui atingido! Eu estou cego!*)

O avião girou para a direita e foi de encontro a um pequeno morro, onde espatifou-se contra um grupo de rochas escuras. O segundo avião teve metade da asa direita arrancada por uma rajada, perdendo completamente a direção e caindo junto ao complexo, incendiando um caminhão de combustível. Uma grande coluna de fogo e de fumaça elevou-se ao céu. Soldados alemães com o corpo em chamas caminharam em desespero e se atiraram no rio. A artilharia não parava de disparar. Os aviões que restavam dispararam seus foguetes em direção ao complexo. O lugar se transformou em um inferno de fogo e metal retorcido. Um Hurricane explodiu no ar, e outro avião recebeu uma longa rajada no motor, que parou de funcionar.

Ele seguiu direto para a explosão.

Apenas dois aviões de ataque sobrevoaram o complexo, que ardia em chamas. A artilharia insistia em continuar a disparar, enquanto os aviões ganharam altura. Um dos pilotos estava seriamente ferido. Dávalos se aproximou com seu avião para verificar o seu estado, mas foi em vão. Os ferimentos eram muito graves e ele informou pelo rádio que estava perdendo muito sangue. Navarro olhou para cima e viu oito ME-109 se aproximando.

– Hullo boys, blue leader calling! Bandits approaching! (*Atenção rapazes, líder azul falando! Bandidos se aproximando!*)

Os alemães giraram sobre o eixo e desceram um a um. Os brasileiros giraram os aparelhos e se dividiram dois a dois. Navarro e Dávalos para a direita e Félix e Marras para a esquerda. A seção amarela permaneceu compacta. O Hurricane atingido viajava a menos de trezentos quilômetros quando um ME-109 caiu sobre ele a mais de quinhentos quilômetros por hora.

Uma rajada certa e o avião se desintegrou numa nuvem amarela de fogo e metal.

Navarro girava o avião para todos os lados, na tentativa de enquadrar um avião inimigo. Um giro sobre o eixo e uma guinada para a direita colocou-o atrás de um caça alemão. Era um ME-109 G novo em folha, com a pintura camuflada em tom verde-musgo. Ele acendeu o colimador e enquadrou o avião. Uma rajada atingiu a fuselagem e o aparelho começou a soltar uma fumaça negra. O piloto tentou escapar, mas não conseguiu. Outra rajada o atingiu, fazendo-o ficar de cabeça para baixo e despencar em direção ao solo. O piloto conseguiu saltar antes que o avião se espatifasse.

Um grupo de quatro aviões alemães procurava de todas as formas atingir o avião de Marras, que não conseguiu acompanhar o avião de Félix. Ao tentar evitar o ataque, ele acabou encontrando outro avião inimigo. Uma rápida correção no manche e ele conseguiu enquadrá-lo no colimador. Uma rajada certa arrancou a asa direita da aeronave, e ele desceu girando sobre si mesmo. O avião de Dávalos recebeu uma rajada na asa direita. Ele girou o avião para a esquerda e conseguiu sair da mira do piloto alemão. O Spitfire tinha uma qualidade inegável comparado ao ME-109, a capacidade de fazer curvas mais fechadas. O Capitão Styler derrubou outro ME-109, e o piloto conseguiu saltar. Os demais aviões alemães se reagruparam e abandonaram o combate.

As duas seções inglesas entraram em formação e retornaram para a base. Os pilotos ainda não acreditavam na quantidade de aviões abatidos naquela missão. Um Spitfire da seção amarela foi seriamente atingido e pousou em Manston, uma pista auxiliar localizada para pouso de aeronaves que retornavam com problemas de uma missão do outro lado do canal. O piloto teve um corte profundo no rosto e ficaria fora de ação por um bom tempo.

Os demais aviões pousaram em Hosley sem maiores problemas.

Apesar da missão cumprida, a perda de tantos pilotos naquele primeiro ataque contra uma estação Noballs deixaram todos muito preocupados.

A situação ficou ainda mais complicada quando receberam uma notícia do Comando de Caças. A base de Hosley teria seções de Spitfire convertidas em unidades de ataque. Cada avião iria carregar uma bomba de 250 quilos para realizar bombardeios. Em uma semana os aviões foram convertidos e pilotos iniciaram os treinamentos de

adaptação. As bombas eram fixadas no ventre do avião, no lugar do tanque suplementar de combustível. Ao final do treinamento, as seções azul, amarela e verde foram qualificadas para realizar missões de ataque ao solo.

Os alemães intensificaram a construção dos lançadores e apesar dos intensos bombardeios, as plataformas de lançamento não paravam de surgir nas fotografias de reconhecimento.

O objetivo era destruir completamente a plataforma de lançamento existente no setor 33, próximo a Bouillancourt. Os pilotos ficaram em silêncio antes da decolagem, porque a última missão ainda estava na mente de todos e os brasileiros iriam fazer a primeira onda de ataque. Mas o plano de ataque fora modificado e a aproximação final do alvo seria diferente. O ataque ao complexo seria realizado em baixa altitude, evitando a exposição a que foram submetidos os Hurricanes. Os objetivos eram simples, realizar um ataque relâmpago e pegar a flak alemã de surpresa.

Os aviões atravessaram o Canal da Mancha em formação cerrada, voando rente ao mar, que naquele dia possuía um tom verde escuro. As águas estavam muito agitadas, o tempo estava nublado e a visibilidade ruim. O Capitão Styler chegou a pedir o cancelamento da missão, mas o pedido foi negado.

O silêncio no rádio era total.

Ao se aproximarem, as seções se dividiram. A seção azul, pilotada pelos brasileiros seguiu na frente enquanto as seções amarela e verde deram meia-volta.

Navarro passou a mão enluvada na testa para enxugar o suor. Abaixo do avião uma floresta coberta de neve parecia um tapete branco. De repente o complexo surgiu à sua esquerda. Ele acionou o manche procurando ganhar altura. Em seguida, inclinou o avião e seguiu na direção do complexo, no momento que distinguiu pequenas figuras correndo em várias direções. Com o peso da bomba, a velocidade aumentava rapidamente.

— Hulló Blue Leader! Attack! (*Atenção Líder Azul! Atacar*)

Ele soltou sua bomba e procurou ganhar altitude. Sem o artefato o avião sacolejou e ganhou altitude rapidamente. Os outros aviões

também soltaram suas bombas sobre o alvo. Quatro grandes explosões atingiram o solo, e uma delas acertou em cheio a plataforma de lançamento, que tinha um míssil V-1 pronta para lançamento. Todo o complexo explodiu e a plataforma de lançamento se transformou em uma grande cratera fumegante.

Os aviões das seções verde e amarela soltaram suas bombas nas proximidades da floresta enquanto a artilharia começou a responder ao ataque.

– Hullo section blue! Leader Yellow! Good Shot! (*Atenção seção azul! Líder amarelo! Belo tiro!*)

A voz era do Capitão Styler congratulando os pilotos brasileiros pelo ataque.

O retorno ocorreu sem maiores incidentes, e a chegada dos pilotos sem nenhuma perda foi muito comemorada por todos.

Aquela era o início de uma forte campanha de ataques contra as plataformas. Os alemães construíam em média 50 plataformas por mês. As bombas V-1 eram construídas mais rapidamente e eram mais fáceis de ser camufladas. Cada foguete transportava uma tonelada de explosivos, com um alcance de 400 quilômetros. As cidades que sofriam com os ataques das bombas voadoras eram Londres, Southampton, Portsmouth, Plymouth e Brighton. Os alemães também começaram a disparar os foguetes contra os portos de Dover e Newhaven na tentativa de paralisar o abastecimento americano que chegava através de cargueiros mercantes.

Os ataques continuaram dia após dia na tentativa de conter a construção das plataformas, mas as baixas aumentaram rapidamente. A seção amarela perdeu dois de seus integrantes, a seção verde perdeu seu líder, o tenente Munro, um piloto veterano que tinha participado da campanha na ilha de Malta, e sua perda foi muito sentida por todos. A seção azul não perdeu nenhum piloto, mas o avião de Marras foi atingido seriamente por um obus de 20 mm, e ele teve de fazer um pouso forçado de barriga. No momento do pouso, o avião capotou e somente por milagre ele escapou ileso.

Base Aérea de Hosley Inglaterra

Março de 44

— Você tem certeza do que está solicitando, coronel?

— Sim senhor.

O general começou a preparar o cachimbo, mas sabia quando o coronel tomava uma decisão definitiva.

— Eu sei que você continua voando em missões de reconhecimento e no ajuste das antenas dos nossos radares instalados na costa. Também sei que você acompanhou o treinamento dos pilotos brasileiros e chegou a simular combates, mas eu estou me referindo a participar de missões de combate real.

— Eu sei de todos os riscos general, e acredito que poderei cumprir meu trabalho com êxito. — Fez uma pausa e resolveu tocar na ferida de uma vez por todas. — O senhor acha que não poderei voar por causa da minha falta de visão?

O general não respondeu, mas não era preciso. Ambos sabiam que haviam pilotos com deficiências físicas voando na RAF. Ele acendeu seu cachimbo, deu algumas tragadas e ficou em silêncio.

— Gostaria de dar minha contribuição Senhor.

Ele deu uma longa tragada e se inclinou para frente.

— Olhe, Miller. Vou lhe dizer algo que ainda não lhe disse. Eu tenho grande admiração por você. É um líder nato, que comanda estes rapazes como poucos oficiais poderiam fazer. Eu preciso de você, a RAF precisa de você, a Inglaterra precisa de você, mas não pilotando um caça e sim liderando esses rapazes. O que acabei de dizer não é um discurso demagógico e você sabe muito bem. O que vai vencer esta guerra serão seus líderes e não seus exércitos. Se você quiser voar, não vou impedi-lo. Por outro lado, se você quiser minha opinião, eu reprovoo totalmente esta decisão.

O coronel levantou-se.

— Muito bem, senhor. Agradeço sua preocupação comigo e gostaria de confirmar meu ingresso na seção vermelha a partir de amanhã.

O general acenou positivamente.

— Está bem, coronel. Sua solicitação está aceita.

Ele fez uma continência perfeita e dirigiu-se para a porta. O general resolver fazer uma última tentativa de dissuadi-lo.

— Coronel.

— Sim, general.

— Você já deu sua contribuição na Batalha da Inglaterra, não precisar provar mais nada pilotando.

Ele olhou para suas mãos cobertas pelas luvas e não respondeu, simplesmente abriu a porta e deixou a sala.

Costa Sul da França

Março de 44

A seção vermelha, liderada pelo coronel Miller voava rente ao solo, seguida pela seção amarela. A paisagem, como sempre nas últimas missões, estava coberta de neve. Era uma manhã nublada e uma garoa fina dificultava a visibilidade dos pilotos.

O frio na cabine, apesar das grossas roupas de voo, era terrível.

Os pilotos estavam concentrados ao máximo, pois sabiam que o menor erro significaria uma explosão e uma cratera no solo. Todos haviam visto as fotografias de reconhecimento, que a Noball de número 35 estava fortemente protegida.

Um pouco mais à frente os pilotos puderam ver, camufladas em um pequeno bosque as margens de uma pequena estrada, a torre de controle, dois alojamentos para o pessoal de operação, as antenas de

comando, alguns veículos e o foguete, com seus seis metros e duas pequenas asas nas laterais, instalado no início da rampa de lançamento. Três homens pareciam estar fazendo os últimos ajustes para o lançamento. Vários outros corriam em direção aos três canhões quádruplos de 20 mm. Outros dois canhões escondidos em uma rede de camuflagem abriram fogo contra os aviões.

A voz do Coronel Miller estava abafada pela máscara de oxigênio, mas transmitia segurança toda vez que era ouvida pelos pilotos.

— Hullo old boys, Red Leader! Red section with me! Attack! (*Atenção rapazes, líder vermelho! Seção vermelha comigo! Atacar!*)

A seção azul girou para a direita, sempre rente ao solo, enquanto a seção vermelha se alinhava para o ataque. Os quatro aviões vieram a mais de quinhentos quilômetros por hora, com as balas traçadoras e obuses vindo de todas as direções.

O coronel tinha somente um pensamento “Mais perto, mais perto”. Ele soltou a bomba, seguido pelos outros três aviões. Ao se livrar do peso, os aviões deram um salto e rumaram em direção ao céu repleto de nuvens carregadas. Uma das bombas atingiu a floresta, outra atingiu um veículo estacionado e outra atingiu um dos alojamentos.

Navarro assistiu às explosões das bombas.

— Hullo old boys. Blue leader! Closed Formation! (*Atenção rapazes! Líder Azul! Formação cerrada!*) — e picou na direção das instalações, seguidos pelos três outros pilotos brasileiros. As explosões anteriores tinham levantado muita neve e lama, e a fumaça provocada pelos incêndios dos alojamentos e do caminhão dificultava a precisão da flak.

Os quatro aviões vieram em sentido contrário ao do primeiro ataque. Navarro esperou até o último minuto para lançar a bomba. Passou rente ao complexo e conseguiu ver os soldados, camuflados com grossos casacos brancos, correndo para se proteger. O avião estremeceu com dois impactos que atingiram a asa direita. Verificou os controles. Eles estavam funcionando perfeitamente. Olhou pelo retrovisor e verificou os três aviões que o seguiam. As quatro bombas atingiram o complexo em cheio, mas foi a bomba lançada pelo avião de Marras que atingiu o foguete. A explosão sacudiu o bosque, derrubando a neve acumulada nas árvores. Uma grande coluna de fogo e destroços ergueu-se do chão.

— Hullo blue section! Red Leader! Good Shoot old boys! (*Atenção seção azul! Líder vermelho! Belo tiro rapazes!*)

Os aviões rumaram para a base em alta velocidade, para evitar o combate com os caças alemães.

A comemoração após o ataque foi realizada no Clube dos Oficiais. Uma ração de Whisky foi servida para cada piloto. Os capitães Verne, Styler e Masaryk cumprimentavam o Coronel Miller pelo sucesso da missão, enquanto o restante dos pilotos fazia uma algazarra. A seção azul estava ficando famosa por sua precisão nos ataques contra as Noballs. O Tenente Weine bebia entre os brasileiros, ele tinha liderado a seção verde em uma escolta de bombardeiros. Tinham enfrentado uma dúzia de FW-190, tinha registrado sua quinta vitória e se tornara um ás.

— Senhores, — disse levantando o copo. — Um brinde a todos pelo êxito da missão contra as Noballs.

Dávalos abraçou o piloto.

— Tem razão. Um brinde a todos nós.

O Tenente Weine sinalizou com as mãos, para que todos ficassem em silêncio.

— Senhores, senhores, um momento de atenção! Sabem por que ainda não abateram ninguém da seção azul?

Alguns balançaram a cabeça negativamente, outros apenas sorriam, já prevendo alguma frase irônica.

— Porque a seção azul simplesmente não existe!

— Tem razão Weine! Deveria se chamar seção fantasma. — disse o Tenente Strogoff, um piloto tcheco com mais de dois metros de altura, cabelos espetados e um fino bigode.

— Tem razão, um brinde a seção fantasma! — gritou um piloto.

Todos ergueram os copos em meio a uma gargalhada geral.

Mas a grande verdade era que todos naquela sala sabiam que poderiam não estar ali na próxima comemoração, e evitavam conversar sobre esta possibilidade.

Havia uma crença que trazia má sorte.

Viviam e comemoravam a cada retorno para a base.

Base Aérea de Hosley, Inglaterra

Abril de 44

Os pilotos tinham sido reunidos às pressas na sala para o Briefing, os passes de licença foram cancelados sem nenhum aviso, criando grande insatisfação, mas aquela atitude indicava que alguma coisa grande estava sendo preparada. As incursões na costa francesa tinham se intensificado, com o objetivo de destruir as plataformas de lançamentos dos mísseis V-1 e V-2, mas eles continuavam a cair sobre Londres e Dover.

A seção azul e a seção vermelha tinham acabado de chegar de uma missão. Os cabelos úmidos de suor e o cansaço estampado no rosto dos

pilotos indicavam grande fadiga causada pela quantidade de missões cumpridas em tão curto espaço de tempo. Mas nem por isso tinham sido liberados da reunião.

O Oficial de Operações, Major Douglas Barnett entrou pela sala a passos largos. Trazia debaixo do braço um mapa e uma pasta de couro. Ele o ajeitou em um quadro e o desenrolou. O mapa mostrava a Costa da França, mais precisamente a área em volta de Cherbourg.

— Senhores. — disse cumprimentando todos os presentes — Vou ser o mais claro possível. O Comando de Caças acabou de colocar sobre nossos ombros uma grande tarefa, que deverá ser realizada com grande eficiência e precisão.

— Podemos saber do que se trata, Senhor? — perguntou o Tenente Weine.

— Sim, mas antes eu vou contar uma pequena história. No início da tarde de hoje atracou no porto de Cherbourg o cargueiro Elbrus, com capacidade de 11.000 toneladas. Está carregado de metais raros, vindos do Japão para ser utilizado na fabricação de peças de motores a jato que a Inteligência está afirmando que os alemães estão construindo. Neste momento alguns almirantes devem estar dando explicações para o Alto Comando Aliado, de como este navio conseguiu passar pelas nossas patrulhas, mas o fato é que ele está em segurança em um porto ocupado pelos alemães, com previsão de iniciar o descarregamento nas próximas horas.

A notícia caiu como uma bomba no meio dos pilotos. Todos sabiam que o porto era um local muito bem protegido pela artilharia. Ele abriu a pasta, retirou algumas fotografias e entregou para os pilotos.

— Estas fotos acabaram de chegar. Dos três Spitfires que partiram para uma missão de reconhecimento, apenas um voltou. — fez uma pausa — Mas se espatifou na aterrissagem. Infelizmente o piloto não resistiu aos ferimentos, mas nós conseguimos as fotografias do navio, que foram registradas pela câmara existente em seu avião e que não foram danificadas na aterrissagem forçada.

Ele não queria omitir nenhum fato dos pilotos, porque queria que todos soubessem exatamente o iriam enfrentar. Em seguida, fixou as fotos no quadro.

— Como vocês podem ver, já existem doze caminhões prontos para o desembarque. Na entrada do porto estão três flak ships, armados com canhões quádruplos de 20mm e peças de artilharia de 37 mm. Ao redor

do terminal de embarque e arredores, segundo informações da Resistência Francesa existem mais de 200 peças de artilharia. Quatro esquadrilhas de FW-190 foram mobilizadas para os aeródromos nos arredores para garantir a segurança do Elbrus.

— Uma bonita história Barnett — respondeu o Coronel Miller — mas onde nós entramos?

— Já vou chegar lá, coronel. O Alto Comando está preparando um grande ataque para destruí-lo. — ele olhou rapidamente no relógio — Precisamente daqui a quatro horas, 30 Typhoons irão iniciar um ataque com o único objetivo, destruir completamente o Elbrus. Eles estarão armados com bombas especiais de 500 quilos, construídas com dispositivo de retardamento, para penetrar na estrutura do cargueiro antes de explodir.

O Major Barnett olhou para os pilotos que prestavam atenção àquelas palavras e observavam atentamente as fotografias do terminal portuário.

— Devido nossa experiência em ataque a superfície, fomos encarregados de destruir os três navios localizados na entrada do porto e das peças de artilharia.

— Outras unidades, além dos bombardeiros também estarão neste ataque? — perguntou Weine.

— Não, todas as nossas unidades serão mobilizadas para esta missão. — e olhou para os pilotos que tinham acabado de chegar. — Nós também faremos o trabalho de escolta para evitar que qualquer caça inimigo que se aproxime.

A expressão dos pilotos não poderia ser pior.

— Major Douglas, — argumentou o coronel Miller — acabamos de chegar da costa da França e, quando estávamos voltando, o tempo estava fechando por lá. Nossa visibilidade não ultrapassava mais de cem metros e estava diminuindo.

Ele retirou da pasta um comunicado e o entregou.

— Sabemos disso coronel, mas o pessoal da meteorologia afirma de pés juntos que o tempo vai abrir nas próximas horas na região em torno do porto.

Douglas Barnett era professor de História. Tinha cinquenta anos e fora recrutado como Oficial de Operações logo após a Batalha da Inglaterra. Ele sempre estudava minuciosamente os detalhes de cada missão antes de apresentá-la para os pilotos. O Coronel Miller conhecia-

o muito bem e tinha grande respeito por aquele homem, que perdera seu único filho na Batalha da Inglaterra. Ele planejava meticulosamente cada missão com o objetivo de proteger ao máximo a vida dos pilotos.

— Vai haver um grande barulho. — disse Dávalos — principalmente quando nossos pássaros surgirem das nuvens.

Os pilotos franceses fizeram cara feia e xingaram algumas frases em francês. Já os pilotos tchecos ficaram em silêncio, analisando as fotos, estudando as melhores rotas de ataque contra os navios.

Os pilotos ingleses ficaram impressionados com as peças de artilharia dispostas ao longo do cais e em um molhe de pedras localizado à esquerda do porto, com aproximadamente 400 metros.

Félix apontou exatamente para esse local.

— Estas peças de artilharia têm que ser as primeiras a serem destruídas, caso contrário, os Typhoons não conseguirão lançar nenhuma bomba com precisão.

— A seção azul — disse o Major Barnett apontando com fino bastão de madeira — virá pelo Sul e irá atacá-las. Em seguida, deverá atingir este Flak Ship na mesma passagem. A seção verde deverá atingir as outras duas embarcações. As seções marrom e amarela irão atacar as peças de artilharia existentes ao longo do cais e a seção vermelha fará a cobertura aérea.

Dávalos deu um tapa no ombro de Félix e sussurrou em seu ouvido.

— Que merda Félix, quem garante que os barcos ainda estarão no mesmo lugar desta fotografias.

— Shhhhhhhh.

— Vai chover boches sobre nós. — sorriu maliciosamente o Tenente Weine.

O Major olhou para o rosto do jovem piloto e por um momento pôde ver a face de seu filho sorrindo para ele. Fechou os olhos e abriu-os novamente. O rosto de seu filho desaparecera.

Os pilotos discutiam sobre o tempo em que cada seção deveria iniciar o ataque. Tinham que ser precisos, caso contrário toda a operação estaria comprometida.

O Coronel Miller aproximou-se do major e conversaram em particular.

— Que diabos, Douglas. — disse acendendo um cigarro — Uma verdadeira ratoeira para os rapazes.

— Sei disso, Miller, falei a mesma coisa para o general, que também partilha desta mesma opinião. Mas será um duro golpe para nós se esse navio desembarcar sua carga.

O Coronel Miller olhou para os pilotos. O tenente Weine batia nas costas de Navarro e fazia uma brincadeira, informando que seria moleza, enquanto este permanecia sério, concentrado nas fotografias tiradas pelo avião de reconhecimento. Os outros pilotos já se dividiam em suas respectivas seções e discutiam detalhes do ataque.

Ele sentiu um aperto no estômago, porque sabia que alguns deles não voltariam daquela missão.

Canal da Mancha, Europa

Abril de 44

Os caças voavam rente ao mar, agrupados conforme suas seções. O tempo não tinha mudado, conforme a previsão havia informado, e a visibilidade estava péssima. O mar tinha um tom esverdeado, e as ondas atingiam até três metros, com uma fina camada de espuma branca. Uma chuva fina atingia os aviões, prejudicando ainda mais a visibilidade.

“Que diabos, isto tudo é uma grande loucura!” pensou o coronel Miller. Qualquer bolha de ar que encontrassem ou uma rajada mais

forte poderia jogar o caça de encontro às ondas, onde o impacto seria fatal.

O ponto de encontro com os Typhoons já tinha sido ultrapassado em dois minutos e até agora nem sinal dos bombardeiros. De repente, o tenente Weine balançou seu avião, indicando ter avistado algo. Os Typhoons surgiam logo à frente, à direita e rumavam em direção à costa francesa. As características do avião impressionavam. Era um caça de ataque, que pesava 7 toneladas, possuía grande agilidade e era um dos novos aviões ingleses que estavam sendo utilizados para ataques diurnos em toda a costa francesa. A velocidade dos aviões impressionava os pilotos da base de Hosley. Nenhuma conversa pelo rádio era permitida. Com certo custo, as seções dos Spitfires ultrapassaram os aviões de ataque. Eles deveriam “limpar o porto” para que as outras unidades pudessem realizar o ataque.

Ao atingirem a costa, parou de chover. As seções se prepararam para o ataque. Acima do porto, a grossa camada de nuvens estava cheia de buracos permitindo vê-lo perfeitamente.

As formações tomaram posição.

A seção azul era a primeira a atacar. Navarro tremia na cabine do avião e segurava firme o manche. Todo o seu corpo estava entorpecido de frio, então ele abriu o registro que aumentava a quantidade de oxigênio. Abriu e fechou os olhos algumas vezes. Logo atrás vinha Félix, Marras e Dávalos. As outras seções se dividiram para tomar suas posições. Ele fez uma curva para a direita, inclinou o avião e identificou o alvo, as baterias dispostas no molhe de pedras.

“Que Deus guie a minha alma”

E desceu em voo picado, seguido por seus amigos.

— *Hullo blue Leader. Drop your Babies! (Atenção Líder azul. Soltar tanques de combustível)*

Os aviões imediatamente deixaram cair os tanques auxiliares de combustível, para conseguir maior agilidade durante o combate e os quatro aviões desceram a grande velocidade. Era possível verificar homens correndo nos molhos e no terminal portuário. O Elbrus estava ancorado no porto, e havia vários caminhões no cais, o que confirmava que os guindastes já tinham iniciado o desembarque da preciosa carga.

Começaram a explodir em volta dos aviões os primeiros disparos da Flak, e as traçadoras nas cores vermelha e verde passavam próximos dos aviões.

O solo se aproximava rapidamente. Navarro disparou seus canhões, e a primeira bateria de canhões quádruplos explodiu, fazendo os artilheiros voarem pelos ares como bonecos de pano. Os outros aviões abriram fogo. Um a um, os canhões foram postos fora de combate. Quando os quatro aviões terminaram sua passagem, somente fogo e destroços restavam sobre o molhe.

Os aviões voaram rente á água, agora procurando o alvo secundário, o Flak Ship número um. Mas quando os aviões saíram das nuvens, os motores dos navios foram imediatamente acionados e eles mudaram de posição. Era impossível atacá-los naquela passagem. As aeronaves voaram em direção ao mar aberto e ganharam altura, sempre perseguidos pela artilharia.

As seções verde, amarela e marrom desceram das nuvens quase ao mesmo tempo, para confirmar o pressentimento dos alemães de que não fora um ataque de apenas uma unidade, mas sim de uma ofensiva planejada com um único objetivo — destruir o Elbrus.

Os barcos, sempre em movimento, disparavam contra os aviões. Um Spitfire da seção verde explodiu e seus destroços caíram no mar a poucos metros do navio. Os outros aviões abriram fogo contra o primeiro barco patrulha. Sacos de areia colocados na amurada foram atingidos pelas primeiras rajadas. Três marinheiros que procuravam abrigo foram literalmente cortados ao meio. Outro avião foi seriamente atingido. O motor parou de funcionar e incendiou. O piloto tentou controlar o avião, mas a força de gravidade o impediu. O fogo aumentou e atingiu a cabine. O piloto começou a se debater e a gritar. O avião virou de dorso e atingiu o cais em meio a duas peças de artilharia de 37mm.

As outras unidades atacavam as peças de artilharia localizadas no porto.

O combate se tornou feroz e brutal.

Os seis primeiros Typhoons irromperam das nuvens e convergiram para o Elbrus. Os artilheiros dos barcos perceberam a aproximação das aeronaves e imediatamente mudaram de alvo. O líder da esquadrilha foi atingido em cheio, antes que pudesse se aproximar do cargueiro. A explosão atingiu o segundo e o terceiro avião teve a asa arrancada. Três aviões em chamas caíram a menos de um quilômetro do alvo. Os outros três aviões foram obrigados a desviar, mas lançaram suas bombas sobre o cais. As explosões levantaram grandes colunas de fogo e fumaça.

Outra seção de bombardeiros despencou do céu. A artilharia respondeu feroz a mais uma investida.

Era preciso evitar a qualquer custo que o navio fosse atingido.

A seção azul surgiu em grande velocidade para mais uma passagem. O alvo era o Flak Ship número 1, que disparava todas as suas armas contra os caças-bombardeiros. Félix sentiu seu avião ser atingido. Assustado, movimentou os controles, que responderam perfeitamente.

Os aviões abriram fogo e uma chuva de metal se abateu sobre o navio. Pedacos do convés saltaram para todos os lados. Marinheiros foram atingidos mortalmente. Da popa irrompeu uma grande explosão, o combustível se espalhou pelo mar agitado, enquanto os caças ganhavam altura.

Os bombardeiros se aproximaram do alvo e lançaram suas bombas. Duas delas caíram na lateral do navio e explodiram sem causar grandes avarias. Uma terceira bomba atingiu a proa e penetrou no interior do navio. Uma grande explosão fez estremecer toda a embarcação. Outra bomba atingiu um dos guindastes principais, que se partiu e caiu, arrebetando os cabos de aço de sustentação. Um Typhoon foi atingido por uma longa rajada de canhão de 37mm. O piloto foi ferido mortalmente. Sem vida, ele inclinou-se para frente, empurrando o manche e o avião foi de encontro à estrada que dava acesso para saída do cais. No primeiro choque as asas se soltaram e o avião atingiu um caminhão que tentava escapar do ataque. O impacto atirou-o para fora da estrada. Em seguida os restos do avião e tanque de combustível do caminhão explodiram ao mesmo tempo. O motorista abandonou o caminhão envolto em chamas e caiu em um buraco ao lado da estrada.

O ataque prosseguiu furioso.

Mais uma seção de bombardeiros atacou e dessa vez o Elbrus foi atingido em cheio. A artilharia respondeu furiosa e mais dois aviões foram abatidos. Um navio de artilharia explodiu devido aos ataques da seção verde. Dois Typhoons abriram fogo com seus canhões, e três caminhões que tentavam deixar o cais foram desintegrados.

Outra seção de aviões surgiu dos céus, formada por quinze aviões voando em formação cerrada.

— Hullo Red Leader! — gritou o líder de uma das unidades de Typhoons, desesperado ao ver os aviões alemães — Fifteen Huns fighters about and (*Atenção líder vermelho! Quinze caças alemães sobre e ...*)

Seu avião é atingido pelos disparos do canhão do primeiro caça alemão, um FW-190 D-9.

A seção vermelha desceu e abriu fogo, fazendo com que os alemães rompessem a perfeita formação, dando início o combate aéreo.

O restante dos Typhoons desceram para o ataque final.

As bombas foram lançadas em cima do alvo. O casco do Navio não resistiu às violentas explosões e partiu ao meio. As bases dos guindastes utilizados para descarregá-lo a carga derreteram com o calor, balançaram de um lado para outro, rangendo como um monstro ferido, e despencaram sobre o navio.

Um bombardeiro foi atingido e caiu no meio das explosões.

O segundo navio de artilharia, seriamente avariado, rumou em direção ao mar aberto, sempre abrindo fogo contra os aviões aliados que agora se afastavam a toda velocidade, perseguidos sem trégua pelos aviões alemães.

O porto ardia em chamas. O Elbrus, cercado por um lago de fogo e completamente destruído, começou a afundar.

O objetivo aliado tinha sido conseguido com êxito.

A torre de comando fez contato com os aviões que se aproximavam. Os primeiros aviões a pousar foram da seção amarela. O Tenente Masarik somente conseguiu deixar a cabine com ajuda da equipe do solo. Apesar do seu tamanho e de sua grande força física, estava exausto. Seu avião tinha vários buracos na lateral da fuselagem. Outro piloto não conseguiu deixar a cabine, pois tinha um grande ferimento no ombro. Uma ambulância chegou rapidamente, para levá-lo até a enfermaria.

Outras duas viaturas médicas já estavam de prontidão e dois caminhões de bombeiros também já estavam a postos.

As seções azul e marrom pousaram completas. O avião do tenente Dávalos foi obrigado a fazer um pouso de barriga. Um obus atingira o controle do trem de pouso, inutilizando-o.

Um avião da seção vermelha regressou da missão. O Coronel Miller pousou com dificuldade, recebendo ajuda imediata dos bombeiros para deixar a cabine. Os mecânicos contaram dez buracos de 20 mm em toda a fuselagem.

A seção verde pousou dez minutos depois. O Capitão Styler e seu ala desceram, olharam um para o outro sem dizer uma única palavra. Um jipe se aproximou e os levou para a torre de comando.

A preocupação era com os que ainda não tinham regressado.

A torre fez contato com dois aviões que se aproximavam. O primeiro pertencia à seção vermelha, e era pilotado pelo tenente Blair, que estava gravemente ferido e falava com dificuldade com a torre. O avião fez uma aproximação e pousou, tocando o solo três vezes antes de parar por completo. Um caminhão de bombeiros se aproximou, e o piloto foi rapidamente retirado do avião e cuidadosamente colocado em uma maca. O Doutor Francis Parker, de cinquenta anos, cabelos loiros que contrastavam com suas duas grandes sobranceiras, aproximou-se e fez uma análise cuidadosa do piloto ferido. O oficial Ken Glover, chefe dos bombeiros, que vestia um pesado traje de amianto acenou negativamente a cabeça. O piloto tinha um grande ferimento no peito e parte da coxa direita fora arrancada. Por incrível que parecesse, ele estava consciente e não sentia dores.

Ele olhou para o chefe dos bombeiros e sorriu.

— Nós o afundamos, senhor Glover. Nós afundamos o maldito Elbrus.

— Eu sei filho. Eu sei. Agora procure não falar.

O doutor retirou o capacete com cuidado. Colocou a mão na testa do piloto e desceu para trás da cabeça. Os cabelos estavam úmidos de suor.

Os pilotos se aproximaram.

— Estou com frio, doutor, com muito frio...

Um filete de sangue surgiu do canto de sua boca. O Doutor segurou sua mão direita; estava fria, e o pulso muito fraco.

— Engraçado, doutor, estou com os olhos abertos, mas está tudo ficando escuro.

— Você vai ficar bem, filho. Você vai ficar bem. — foram as únicas palavras que o doutor conseguiu pronunciar.

A respiração ficou ofegante por alguns instantes e depois cessou para sempre.

O doutor balançou a cabeça e olhou para o chefe dos bombeiros.

— Ele se foi.

Um avião passou rente por suas cabeças, balançando as asas perigosamente. Apenas o trem de pouso direito estava completamente abaixado e travado.

— Doutor Parker! — gritou o Oficial Glover segurando-o pelo braço — Temos mais um pássaro com problemas! Esse eu não quero perder!

— Sim senhor!

— Vamos lá Doc, ainda não acabou!

Os bombeiros colocaram a maca com o corpo dentro da ambulância.

O Coronel Miller entrou na torre de comando, que tentava em vão comunicar-se com o avião que ainda não aterrissou. Vários pilotos se apertavam na pequena sala para acompanhar o pouso do companheiro.

O operador de rádio tentava em vão falar com o Piloto.

— *Hullo old boy! (Atenção piloto!)*

O rádio emitia apenas o som da estática. O operador do rádio olhou com preocupação para o Coronel Miller.

— É o tenente Weine, senhor. Eu não consigo me comunicar com ele. Ou o rádio está com problemas ou ele pode estar muito ferido e o pessoal está informando que somente uma das pernas do trem de pouso desceu completamente.

O Tenente Navarro resolveu intervir.

— Deixe-me tentar falar com ele coronel.

O coronel olhou para o jovem piloto e recordou de tê-lo visto falando com o tenente Weine várias vezes, e concluiu que deviam ser amigos.

— Está bem, deixe-o tentar. — ordenou para o controlador.

O tenente se aproximou do microfone.

— Tenente Weine, aqui é o tenente Navarro. Está me ouvindo?

Não houve nenhuma resposta, apenas estática.

— Tenente Weine, aqui é o Tenente Navarro. Está me ouvindo?

O barulho do motor do avião começou a aumentar, indicando que se aproximava da base.

— Weine, sou eu, Navarro. Qual a sua situação?

A comunicação ficou cheia de estática, mas ouviu-se uma voz rouca e abafada.

— Estou cansado, Navarro. Estou muito cansado.

Houve um certo alívio na torre de controle, o piloto havia feito uma comunicação, mas ainda havia o problema de conseguir pousar em segurança.

— Vamos trazê-lo de volta, mas ouça bem. Preciso que você retraia o trem de pouso. Somente um deles está em posição para pouso.

Houve silêncio na comunicação por alguns instantes, que pareceu uma eternidade.

— Não é possível, o sistema não funciona.

Navarro pensou rápido.

— Certo. Use o CO².

O Spitfire possuía uma garrafa de CO² para levantar o trem de pouso, em caso de falha elétrica.

O avião sobrevoava a pista, e os atentos pilotos na torre de controle perceberam que o trem de pouso começou a levantar, mas não retraiu totalmente.

— Ouça, Weine, não funcionou! Retraiu somente a metade! Você consegue ganhar altura e saltar de paraquedas?

O avião girou em direção ao sul.

— Não posso, meu pé direito está preso.

— Preso? Preso de que forma?

Novamente o rádio ficou em silêncio.

— Ele deve estar muito ferido. — disse o Capitão Styler.

Os caminhões de bombeiros já estavam a postos.

Novamente o barulho do motor começou a aumentar.

— Navarro?

A voz estava fraca no comunicador.

— Sim.

— Se eu não conseguir, diga para Karen que eu a amo.

— Ouça, Weine, você vai conseguir! Como está o nível do combustível?

O rádio ficou mudo.

O avião se aproximava velozmente, em velocidade bem superior à necessária para o pouso.

— Droga! — praguejou Navarro soltando o microfone e saindo em direção à porta, seguido pelo tenente Marras e por todos os pilotos que saíam correndo pela porta.

O avião bateu com o bico no solo, girou violentamente e despençou com grande violência em meio a uma nuvem de grama, destroços e poeira. Os veículos se aproximaram rapidamente. Os bombeiros saltaram e correram na direção do avião, que explodiu, soltando uma nuvem de fogo azulada que se elevou a uma altura de quinze metros.

Um dos bombeiros foi lançado para longe, mas os outros, que estavam vestidos com roupa de amianto, se aproximaram do incêndio, lançando uma espuma branca em direção às chamas. Navarro tentou se aproximar, mas o calor era insuportável. A munição dos canhões começou a explodir, mas mesmo apesar do perigo de serem atingidos, os bombeiros continuaram firmes. O fogo foi controlado e uma equipe se aproximou com pesados machados.

O chefe Glover caminhou com cautela na direção do avião. Uma camada leitosa cobria os destroços, que não passavam de um monte de metal retorcido.

Alguns bombeiros terminaram de arrancar o canopy a golpes de machado. Em seguida começaram a fazer um buraco na nacele.

— Vamos com calma rapazes!

O doutor Parker se aproximou, seguido por Navarro e Marras.

Eles arrancaram uma parte da cabine do avião e o cheiro de carne queimada encheu o ar.

Um corpo enegrecido e com algumas partes avermelhadas estava preso ao que restava do assento. A cabeça estava grotescamente pendendo para a direita, deixando a mostra uma parte do crânio. Era impossível distinguir o que era o traje de voo ou o corpo do piloto. A pele das mãos escorria como se fosse plástico derretido.

De repente, o incrível aconteceu.

O corpo carbonizado do piloto estremeceu.

— Meu Deus! — gritou um dos bombeiros. — Ele ainda está vivo!

Marras caiu de joelhos e começou a vomitar.

O Doutor Parker, rapidamente retirou uma seringa de sua mala e injetou no pescoço piloto.

O corpo estremeceu e ficou imóvel.

Dois bombeiros trouxeram um caixão de metal, onde o corpo do Tenente Weine foi colocado. Navarro ajudou o amigo a levantar-se e juntos caminharam para o alojamento dos pilotos.

Naquela noite, na sala dos oficiais, diferentemente de várias outras missões, ninguém comemorou o êxito do ataque ao Elbrus, confirmado por uma missão de reconhecimento. Os pilotos ficaram em silêncio, absorvidos em seus próprios pensamentos.

Uma vez, naquele mesmo local, um jovem tenente dissera que um piloto era como um cavaleiro medieval, e seu avião, seu imponente cavalo. Sua morte deveria ser num campo de batalha, coberto de glória ao tombar diante do inimigo.

O jovem tenente chamava-se George Weine.

E Agora?

Se você chegou até aqui, é porque gostou desta história, que levou 5 anos para ser concluída, baseada nas biografias de vários pilotos, como Pierre Clostermann, Adolf Galand, Erich Hartmann e muita pesquisa sobre os combates aéreos na Segunda Guerra Mundial. E claro, muita pesquisa e dedicação.

Para ter essa cativante aventura completa em seu Kindle ou em sua estante, você poderá escolher os sites abaixo:

Amazon - Versão digital e impressa - <https://amzn.to/2IHuzdI>

Americanas - Versão impressa

Submarino - Versão impressa

Shoptime - Versão impressa

Magazine Luiza - Versão impressa

Se preferir um livro autografado, entre em contato direto pelo meu perfil do Instagram, **escritor_alex_bitten**

Eu terei o maior prazer em enviá-lo autografado.

Alex Bitten

www.alexbitten.com.br



